



## **O NOVO ENSINO MÉDIO EM PRIMEIRA PESSOA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO COTIDIANO ESCOLAR DE/POR JOVENS CAMPINEIROS**

**Palavras-chave:** Projeto de Vida, Narrativas,

**Gabriela Costa Colombo - IG – UNICAMP**

**João Lucas Botari da Silva - IG – UNICAMP**

**Yan Pedro Dutra Barbosa- IG – UNICAMP**

**Prof. Dr. Rafael Straforini (orientador), IG – UNICAMP**

### **INTRODUÇÃO E OBJETIVO DA PESQUISA**

presente pesquisa de Iniciação Científica para Ensino Médio está inserida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC-EM) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), intitulada “Viver a Cidade: A Construção do Raciocínio Geográfico a Partir das Experiências Urbanas de Jovens do Ensino Médio”, vinculada ao laboratório de pesquisa Ateliê de Pesquisas e Práticas em Ensino de Geografia (APEGEO) do Instituto de Geociências (IG). Assim, objetiva-se investigar a pergunta: 'Como o novo ensino médio tensiona o cotidiano escolar de jovens campineiros e a construção de seus projetos de vida?' A escolha do tema se baseia em nossas vivências enquanto estudantes de Escolas Estaduais do município de Campinas-SP.

Dentre as contradições que o Novo Ensino Médio (NEM) carrega, estão os novos percursos formativos apresentados. Percebe-se que os itinerários formativos nas aulas estão

desmotivando os estudantes a manter seus estudos e a vontade de ingressar no ensino superior. Isso porque os vestibulares continuam cobrando as disciplinas tradicionais (português, matemática, ciências da natureza e ciências humanas), estas últimas que tiveram sua carga horária diminuídas com a reforma.

Entendemos também que nós, estudantes, não tivemos direito de escolha e participação nas decisões da implementação do Novo Ensino Médio, já que foi uma decisão vertical. Portanto, elencamos esta pergunta para averiguar as implicações dessa nova política no nosso cotidiano escolar e no nosso futuro. Estamos lidando, no presente, com as dificuldades da implementação dos discursos do NEM nas nossas aulas e na infraestrutura escolar, assim como os possíveis impactos pós-Ensino Médio, a partir da diminuição ou não do acesso de alunos de Escolas Públicas Estaduais ao Ensino Superior.

### **METODOLOGIA DA PESQUISA**

Como metodologia de pesquisa e aprendizagem, utilizamos o Aprendizado Baseado em Problemas (PBL), seguindo a base metodológica dos projetos de PIBIC-EM realizados no laboratório APEGEO). O PBL é uma abordagem educacional que coloca os estudantes no centro do processo de aprendizagem, desafiando-os a resolver problemas do mundo real de forma colaborativa e interdisciplinar. Nesse método, os alunos são apresentados a um problema complexo e desafiador, que serve como ponto de partida para a investigação, discussão e a busca por soluções. Os estudantes são incentivados a aplicar conhecimentos prévios, desenvolver habilidades de pesquisa, comunicação e trabalho em equipe, e aprender de forma autônoma e ativa. O PBL promove a construção do conhecimento de forma significativa, estimula o pensamento crítico e a resolução de problemas, e prepara os alunos para enfrentar desafios do mundo real (CASTELLAR e MORAES, 2016).

Assim, a escolha deste tema foi baseada em nossas vivências e experiências enquanto estudantes de escolas estaduais do município de Campinas, percebendo em cada uma de nossa realidade que o Novo Ensino Médio carrega diversas contrariedades. O PBL não apenas ensina

conceitos, mas também promove o desenvolvimento de competências essenciais para o sucesso pessoal e profissional.

Para análise do tema de estudo dentro do PBL, recorreu-se às narrativas. Uma narrativa é um relato de eventos ou experiências, organizado em uma sequência lógica para o autor. Pode ser fictícia ou real e segue uma estrutura com começo, meio e fim. As narrativas são usadas para contar histórias e podem ser apresentadas de diversas formas, como livros, filmes e peças de teatro. As narrativas não apresentam uma verdade em si, mas um visão de quem as escreveu Menezes e Costella (2019).

A partir disto foram feitas três narrativas nas quais descrevemos nossas vivências, experiências e ideias como estudantes do NEM. Na primeira narrativa descrevemos as nossas inquietações, experiências e frustrações como estudantes do NEM. Já na segunda narrativa escrevemos sobre nosso ambiente escolar no qual frequentamos todos os dias. Por fim, a terceira narrativa dialogamos sobre nossos pontos de vistas tanto como aluno quanto como pesquisadores do NEM, associando as vivências as leituras.

Como forma de apoio foi realizada uma revisão bibliográfica de obras que envolvem o Ensino Médio e a sua reforma no Estado de São Paulo, em que nos apoiaram nas discussões e nas produções para responder a pergunta-problema. Além disso, também recorreremos ao censo educacional para analisar dados das instituições escolares estaduais do estado do município de Campinas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo do objetivo e da metodologia descrita anteriormente, começamos a questionar essa questão-problema a partir de sua raiz, quando começou, como começou, onde começou e por que começou. A partir deste ponto, compreendemos que a reforma do Ensino Médio começou a dar seus primeiros passos no ano de 2017, durante o Governo do ex-presidente Michel Temer a partir de uma medida provisória que se tornou a Lei 13.415/17. A reforma do Ensino Médio acontece em consequência do contexto político em que a educação estava

passando em 2017. Isso é, neste período, ocorreu os maiores índices de evasão escolar e notas em rankings que medem a educação no Brasil e no mundo. Sem contar também que o Ensino Médio é a etapa mais próxima do mercado de trabalho portanto, com maiores interesses do mercado privado.

Em 2018 foi emitida a primeira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o que viabiliza às construções dos currículos dos estados. No ano seguinte, o estado paulista se adiantou e foi o primeiro a construir uma ideia de reforma com a Resolução SE 2/2019 que ficou conhecida como NEM. No entanto, a implementação na prática em São Paulo só aconteceu no ano de 2021, em que o governo paulista se aproveitou da pandemia para aprovar as resoluções do NEM (Freitas *et. al.*, 2022).

A reforma no estado de São Paulo começa em 2021, mas tem sua efetivação no ano de 2022, sendo um dos maiores gastos de publicidade do governo estadual com uma política. O marketing realizado gerou promessas e expectativas sobre o NEM, em especial a possibilidade de os estudantes escolherem seus itinerários formativos (livre escolha), com o apoio de plataformas digitais disponibilizadas por empresas privadas que fizeram parceria com o governo paulista durante essas mudanças.

Na prática, não foi isso que aconteceu. As opções de escolhas, na verdade, se apresentaram como opções disponíveis para cada instituição de ensino e, conseqüentemente, para os alunos. Além disso, algumas escolas não tiveram o preparo necessário para lidar com esta mudança ocasionado precarização do ensino. A mudança proporcionada pela reforma ainda que utilize a premissa de melhoria da educação, essa proposta não significa necessariamente melhorar.

As mudanças no ensino geraram sentimentos de injustiça e desconcertamento, que se revelaram em nossas discussões durante o projeto. A cada encontro e discussão sobre o tema, tornou-se mais evidente como isso nos impacta diretamente, estudantes (pesquisadores do PIBIC-EM) de escolas públicas estaduais do município de Campinas, inseridos nessas mudanças de forma vertical, sem voz e sem chance de escuta, ou até mesmo sem saber o que estava acontecendo.

Para compreender e sistematizar as nossas vivências no NEM, utilizamos das narrativas para compor o nosso questionamento:

Como estudante participante do NEM, posso dizer que os itinerários formativos tem afetado diretamente o espaço onde estudo, com a inserção dos itinerários de empreendedorismo e educação financeira, na qual, sendo bem sincero, eu como aluno periférico de Campinas, pobre, desempregado, muito menos com um pequeno negócio, não me vejo interessado em aulas de empreendedorismo ou educação financeira, não vejo necessidade de 1 ano inteiro estudando sobre isso.” (ALUNO 3).

Na minha visão como estudante pesquisadora, percebo a decepção e a revolta dos estudantes com o novo ensino médio. Notamos que as escolhas dos estudantes não foram ouvidas, chegando ao ponto em que nem mesmo nos itinerários formativos tivemos liberdade de escolha. Vejo que professores, gestores e escolas não estão totalmente preparados para essa mudança.” (ALUNO 1).

A reforma do Ensino Médio foi como comprar móveis sem ter uma casa para colocar, digo isso por conta de que as plataformas digitais proporcionadas pela Secretaria da Educação precisam ser feitas a partir da internet, mas na minha escola nem todos os notebooks estão disponíveis para os alunos, sem contar acesso a rede wi-fi que é muito lento. (ALUNO 3).

A reforma foi implantada gradualmente com objetivo de que todas as escolas estejam adaptadas até 2024. Podemos perceber que essa adaptação não foi muito boa, quando vemos o índice de evasão escolar que só vem aumentando de acordo com o

índice de evasão escolar que só vem aumentando de acordo com o vemos isso com Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), onde em 2022 temos uma média de 32,2% de alunos por turma no Ensino Médio que decaiu em para uma média de 30,0% alunos por turma em 2023.

Algumas das matérias tradicionais estão sendo retiradas do currículo escolar dependendo do itinerário escolhido, como Artes, Filosofia, Educação Física, Geografia, matérias que desenvolvem o seu criticismo. A partir das discussões percebemos que nossas escolas não estão cem por cento preparadas para essa mudanças, o que levou a coordenação se virar como dava.

Há várias questões que podem e devem ser problematizadas. A desigualdade é um problema que escolas em regiões menos favorecidas podem não ter a mesma infraestrutura ou recursos para se adaptar às novas exigências, o que pode ampliar ainda mais as desigualdades existentes. Além disso, a carga horária maior pode ser um desafio para muitas escolas que já enfrentam problemas de infraestrutura e falta de recursos. A adaptação dos professores também é uma questão crítica, muitos profissionais podem não estar preparados ou não possuem a formação necessária para lidar com essas mudanças. O aumento da carga horária pode significar sobrecarga tanto para alunos quanto para professores. Além disso, a adaptação dos professores aos novos conteúdos pode ser um grande desafio, e nem todos tiveram suporte ou receberam uma formação necessária para essa mudança.

Ainda não sabemos se a reforma vai realmente entregar o que promete. A ideia de um ensino mais personalizado e técnico tem suas potencialidades, mas pode acabar não funcionando como esperado na prática caso não haja uma implementação correta. Será importante acompanhar de perto como essas mudanças afetam a educação e se realmente ajudam nos alunos a se prepararem melhor para o futuro. Pode ser que ajustes sejam necessários para corrigir os problemas à medida que surgem.



Fig 1: Corredor de uma escola das escolas das narrativas.



Fig 2: Refeitório de uma das escola das narrativas.

## CONCLUSÕES

Por meio do PBL, metodologia utilizada na pesquisa, escolhemos o tema de pesquisa considerando nossas vivências e experiências. No decorrer do projeto, questionamentos nos levaram a refletir sobre o sistema educacional implementado, o NEM, e suas consequências, como, por exemplo, a divisão dos jovens na sociedade escolar; o local que ocupam na escola; o modo como os estudantes são tratados e vistos pelos docentes e gestores da escola pública em que estudam; e como essas consequências poderiam impactar seu futuro. Assim, o PBL se apresentou como um método de aprendizagem em que nós, estudantes pesquisadores, aprendemos resolvendo problemas reais em grupo, desenvolvendo habilidades críticas e de colaboração, com a intermediação do professor como facilitador, que, neste caso, foram nosso orientador e os monitores.

No processo de pesquisa, foram realizadas leituras de documentos, textos e artigos que foram importantes para nós nos aprofundarmos sobre o tema de estudo, o NEM. Utilizando narrativas, pesquisa de dados, leituras e documentos, conseguimos construir uma visão mais ampla sobre o NEM.

Por fim, observamos que, a partir da vivência de cada um dos estudantes pesquisadores, a qualidade do Ensino Médio diminuiu e a liberdade de expressão foi deixada de lado. Cada vez mais, o ensino público vem caminhando para atender aos interesses do setor privado, aumentando a desigualdade de ensino, levando à evasão escolar e ao desinteresse dos alunos.

## BIBLIOGRAFIA

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; MORAES, Jerusa Vilhena de. **Metodologias ativas: Resolução de problemas**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2016. 112 p.

FREITAS, Aniel Ferreira de. F; ZAN, Dirce.; DA SILVA, Fernanda Dias.; MOIMAZ, Rodolfo Soares. Primeiros passos da Reforma do Ensino Médio em São Paulo: o caso da rede regular de ensino. *In: KRAWCZYK, N; ZAN, D. (org.) A Reforma do Ensino Médio em São Paulo: A continuidade do projeto neoliberal*. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022. p.45-77.

MENEZES, V. S; COSTELLA, R. Z. Narrativas (auto)biográficas na licenciatura em Geografia: potencialidades para a construção da professoralidade. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 9, n. 18, p. 83-105, jul./dez., 2019.